

Eterônimo – Quando a Palavra Vira Pixel

PoemApp – O Mapa da Poesia do Brasil

Marina Mara*

Suzete Venturelli (orientadora)*

Introdução

A tecnologia como linguagem, como ferramenta de difusão e fruição poética é o foco deste artigo que tem como objeto de pesquisa o aplicativo PoemApp - O Mapa da Poesia do Brasil e a performance Eterônimo – Quando a Palavra vira Pixel. O aplicativo é uma cartografia da cena poética e literária do país desenvolvido pela poeta e pesquisadora Marina Mara e pela equipe MediaLab-UnB, coordenada pela professora Suzete Venturelli.

Além das pesquisas cartográficas, este artigo também se propõe a debruçar-se sobre as possibilidades do fazer poético com auxílio da tecnologia. Uma das experimentações de multi-linguagem é a performance “Eterônimo - Quando a Palavra vira Pixel”, desenvolvida pelos artistas pesquisadores em Arte e Tecnologia Jackson Marinho e Marina Mara. Outra forte influência em linguagem poética desta pesquisa é o cineasta, cientista, inventor e poeta multimídia José Val del Omar, criador da Mecamística e da Tactil Visão em Granada no início dos anos 50.

“Eterônimo - Quando a Palavra vira Pixel”

A experimentação de multilinguagens Eterônimo – Quando a Palavra vira Pixel é uma miscelânea entre a poesia multimídia de Marina e vídeo projeções do acervo de Jackson. Foram utilizadas as técnicas de reconhecimento de voz e vídeo projeção por meio dos softwares Processing, Google Chrome e Resolume para transformar em éter as palavras e os pixels em poesia.

Marina Mara utiliza instrumentos rústicos de diferentes etnias e nacionalidades para criar paisagens sonoras em uma loop station. Sob as projeções e sonoridades a poeta fala seus poemas sobre ativismo lírico e nosso universo hipertextual.

O figurino foi confeccionado e idealizado por Marina Mara a partir do conceito de éter como matéria-prima para criação poética. A peça única se remete a um enorme papel amassado e simbolicamente é o momento que escapa a alma do escrito e não enviado ou dito. A barra do vestido foi ornado com páginas de dois livros BlasFêmea, da poeta. Além do visual exótico, o figurino é um instrumento de percussão utilizado na performance, sonorizando ventos e chocalhos.

* Universidade de Brasília (UnB).



O poema que melhor simboliza a performance chama-se Balaio RAM, publicado no mais recente livro de Marina Mara, intitulado Profissão Poeta – Um Guia Prático e Amoroso sobre viver de Poesia, de 2017.

Deram um F5 na economia
 Conhecimento virou ouro
 Garimpado com a tecnologia
 Essa que fala de sentimento
 Com pixels, sons e sinergia
 Ela pode ser a linguagem
 Dos anjos ou do capitalismo
 Depende de onde você plugar
 Nossa vida é hipertextual
 Amamos de forma digital
 E digitalizamos cartas de amor
 Eternizando-as em nosso
 Balaio RAM convergido e divergente
 De bibliotecas virtuais e cognitivas
 Tão vivas quanto o nosso tempo
 É terra de todos e não terra de ninguém
 Pois é regada com a percepção de cada um
 Esse bem imaterial alvo de treta judicial
 Tem que ter um veredito: é um bem da geral

A Mecamística de José Val del Omar

A escolha de Val Del Omar para este artigo se deu por seu ímpeto místico e poético em sua produção cinematográfica e acadêmica. O intuito da performance Eterônimo – Quando a Palavra vira Pixel, assim como em seus filmes, é instigar a interação sinestésica e sensorial das pessoas com o universo da biblioteca.

O Projeto PoemApp

“O que denomino aqui de contracartografia opõe-se aos modelos tradicionais de mapas fornecidos por estados e elites. Se o Estado usa a cartografia para ocupar, destruir ou controlar, porque não podemos subverter e usar as ferramentas cartográficas a favor das lutas sociais, valorizando um processo colaborativo e dialógico de produção de mapas? Desconstruir e reconstruir o mapa alargando o seu território crítico, recusando as convenções es-

tabelecidas e propondo novos usos e conteúdos, são etapas de uma ação que leva ao apontamento das condições sociais, políticas e econômicas que queremos criticar, evidenciar e transformar”. (MESQUITA, 2017)

O tipo de memória produzida com o uso da tecnologia para a difusão poética e literária na atualidade não se trata somente de armazenamento de dados, mas sim de produção de processos e interconexões ativas e produtivas. Um exemplo dessa afirmação é o aplicativo PoemApp – O Mapa da Poesia do Brasil. Esses dados, esse conhecimento, são um organismo em constante desenvolvimento e são a matéria-prima da economia simbólica – o “novo espírito do capitalismo” e da indústria cultural.

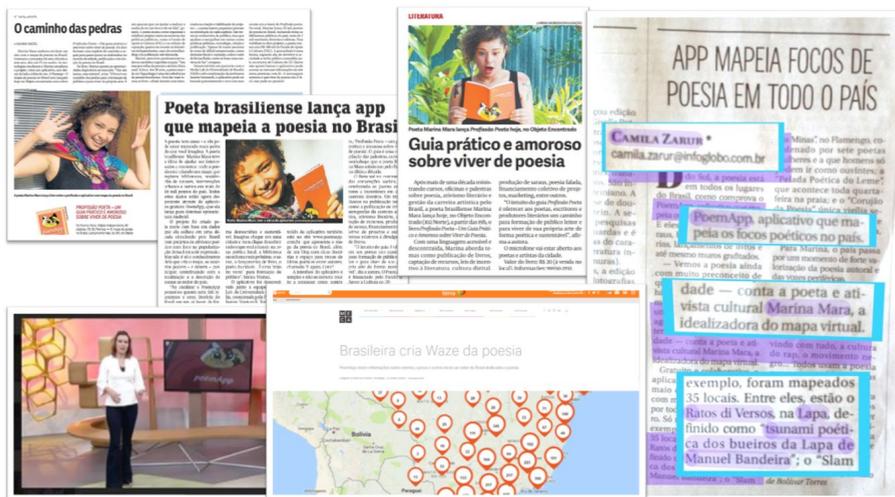
“A cidade, portanto, não pode mais ser estudada como uma máquina maciça. Nós chamamos esses dois subsistemas de “circuito superior” ou “moderno” e circuito inferior.” Milton Santos – O Espaço Dividido, p.16, 1979.

Nessa afirmação de Milton Santos, compreendemos que nossa sociedade se divide em duas principais zonas de influência:

Circuito superior = monopólios, indústria cultural de massa

Circuito inferior = costumes, cultura popular, dialetos, sotaques

A contracartografia literária tem como foco a produção do patrimônio imaterial de ordem coletiva, enriquecendo a todos por meio do conhecimento compartilhado. Essas novas economias – mais criativas e solidárias – são quase um comunismo do conhecimento no qual o valor não está mais ligado à escassez, mas à abundância de informação, o que não ocorria nos ultrapassados modos de produção da indústria cultural e unilateral pré-internética. Não se trata de tirar a propriedade intelectual de alguns, mas sim de estender a todos o direito à essa informação.



“Cartografia é o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base o resultado de observações diretas ou da análise da documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão e representação de objetos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como sua utilização.” Associação Cartográfica Internacional – ACI (1966)

José Val Del Omar, a gênese dos pixels movidos por paixões

Segundo *Javier Ortiz-Echagüe* em sua obra: *José Val Del Omar - Escritos de Técnica, Poética e Mística* Capítulo foco:

“Me sinto submerso em um ser que palpita. As concatenações lógicas nos ligam e nos aprisionam. Mas eu busco a luz esférica meta-mística.” (Val Del Omar, 1935).

A obra científica e multimídia e poética e ativista e filosófica de José Val Del Omar, nascido em 1904 na Espanha, até os dias atuais se mantém como vanguarda e contemporânea pela linguagem tecnolítica alcançada com seus inventos audiovisuais e utopias. Como cientista e inventor, Val Del Omar criou engenhocas para produção de sons, luz, imagem e sensações para expressar sua poesia, sua mística. Essa junção da mecânica com a mística foi batizada pelo autor como Mecamística, estética presente em seus filmes, principalmente no *Fuego en Castilla*, finalizado em 1960. Na película de 17

minutos, Del Omar projeta imagens produzidas por seus inventos sobre esculturas do barroco espanhol dando vida, intenção e movimento às obras, em sua maioria sacras.

A criação de linguagens a partir da interconexão de técnicas e tecnologias é uma marca tanto na obra cinematográfica quanto na obra escrita desse artista tão plural em sua expressão e tão singular humanamente. Para que a expressão verbal alcançasse o significado de sua obra, Del Omar criou vários neologismos e recursos estéticos em sua escrita. Ele não fazia questão de usar corretamente a acentuação e as regras gramaticais por não se prender a padrões que possam podar sua expressão.

A sobreposição de silhuetas, feixes de luz, paisagens sonoras, elementais e elementos da natureza compõe a atmosfera fílmica do Del Omar, esse xamã sinestésico e multimídia. No filme *Aguaespejo Granadino*, de 1955, por exemplo, o diretor transforma fontes de água em elementais dançarinos. O fogo (*Fogo em Castilla*) e o barro (*Acariño Galaico*) também são elementos naturais presentes em sua obra e devidamente mesclados ao olhar multiartístico de José Val Del Omar.

O olhar sobre o novo, sobre o extraordinário, o encantamento presente, principalmente, no olhar das crianças, é parte essencial do discurso do autor, que usa sua arte como ferramenta de lapidação social e humana. Seus dispositivos ópticos multifuncionais ornados com cristais côncavos e convexos expressam sua poesia em feixes, som e sinestesia, por esse motivo seria muito reducionista chamar esse multiartista somente de cineasta ou cientista ou artista – para muitos ele é “o poeta do cinema.”



“Quando se ama se está fora do tempo”, Garcia Lorca. O ativismo lírico de Del Omar extrapolou as salas de cinemas e os muros das academias. Essa pedagogia sinestésica que acontece em uma sala de cinema é para Del Omar sua mais poderosa ferramenta contra a opressão e outras violências modernas. Del Omar foi importante líder na luta contra a colonização cultural pelo cinema americano e participou de importantes movimentos socio-políticos na Espanha.

“DEUS MEU! Quero trazer seu reino de amor e de unidade a esse Vale das Diferenças, onde nos plantaram como palpitações. Eu sei que as diferenças constituem a fonte das energias. Que a discórdia é inevitável. Que a vida é luta. Que vivemos à custa de outras vidas. Mas seu que tu me mandas amar graciosamente e estabelecer uma justiça sem balanças. Sei que tu me mandas perseverar na loucura de me doar. DEUS MEU!” (Oração do cinematurgo - Val Del Omar, 1957)

Para Del Omar, o cinema é um sistema amplificador de nossa visão e a tela de cinema uma enorme retina coletiva. A sala de projeção é o globo ocular. O público é uma congregação de espectadores partilhando a mesma retina. A vista é o tato à distância ou tactivisão, neologismo criado pelo artista que só faz cinema se for por um grande objetivo poético. A junção mecânica com a mística de todos esses elementos, Del Omar chamou de Mecamística.

Para Del Omar, o extraordinário está nas entranhas do cotidiano. E sua mecamística herda essa estética inspirada nas coisas pequenas do dia a dia, nas sutilezas tão recorrentes na inspiradora obra poética de seu amigo Garcia Lorca no século XX. Del Omar enxerga a arte do encontro promovido em uma sala de cinema como um poderoso ato de subversão ao sistema opressor da vida moderna que nos convida à reclusão em nossos universos particulares e solitários. Del Omar tem o cinema como um facilitador de experiências, uma lanterna mágica que usa a eletrônica para se teledistribuir. Essa lanterna ilumina o caminho para tempos e olhares remotos e segundo ele, “o tempo é uma angústia com asas de fogo e é também a melhor cara de Deus”.

O técnico une-se ao mágico no cinema de Del Omar, causando diversas sensações no público, todas com foco no encantamento, no lapidar das consciências e na nutrição sensorial e humana de seus espectadores, que abrem lacunas em seus sonhos para que ele possa inserir os seus.

No capítulo a chave mística de uma bioeletrônica espanhola, Val Del Omar se inspira no poema de Rainer Maria Rilke e nos brinda com uma reflexão poética acerca do tempo.

“Deus é o tempo, o transparente e mudo que nos acolhe em seu fluido sem contorno. Para pressenti-lo temos que fechar os sentidos e nos voltar para nós mesmos. O tempo é a primeira energia bruta de toda a vida. O tempo em permanente união amorosa; no tempo se está sem pés no solo; raízes e asas são a mesma coisa, suspensos na intuição de consciência coletiva”.

A Mecamística de José Val Del Omar

O mestre indiscutível do cinema de vanguarda, José Val Del Omar, trabalhou nas Missões Pedagógicas da Segunda República, um contemporâneo de Federico Garcia Lorca, Luis Cernuda, Josep Renau, María Zambrano e outros membros da chamada “Era de Prata” truncada com o golpe de Estado de 1936, a Guerra Civil e da repressão mais tarde.

Val del Omar era um “crente no cinema” que formulado pela sigla PLAT que são equivalentes aos totalizando conceito de Picto-Lumínica-Audio-tátil. Em 1928, já ele antecipou algumas de suas técnicas mais recursos, incluindo o “estouro apanoramico da imagem” saída fora dos limites da tela, e o conceito de “visão tátil”. Tais técnicas, e o “som da conversa cruzada” e outras explorações no campo de som, foram aplicados em seu “Triptico Elemental da Espanha”, que inclui: “Aguaespejo Granadino” (1953-1955), “Fuego en Castilla” (1958-1960) e “Acariño Galaico” (1961 / 1981-82 / 1995).

Referências

- BAUMAN, Zygmund - *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003.
- BORGES, Jorge Luís. Ficcções. Conto A Biblioteca de Babel, 1944.
- BRÉA, José Luis. Cultura RAM, multações da cultura na era de sua distribuição eletrônica. Editora Gedisa, 2007.
- ORTIZ-Echagüe, Javier, José Val Del Omar - Escritos de Técnica, Poética e Mística. Capítulo: Mecamística – organizador da publicação. Editora: La Central/Museo Reina Sofía, 2010.
- ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.
- SANTOS, Milton, O Espaço Dividido, p.16, 1979. Editora Francinco Alves, Rio de Janeiro.